



O ESPORTE EA

# CIDADE!

Parque esportivo e de lazer em Campinas - SP.

**TGI.2009**  
**EESC/USP**

É uma longa caminhada.

Incontáveis são as pessoas e os momentos vividos nesses anos de graduação. Tão longo caminho somente é possível pela presença e o cuidado da família e dos amigos, as minhas motivações para continuar.

Muito obrigado.

# Índice



Agradecimentos.	02	Recuperação das margens do córrego	38
Índice	04	Programa de necessidades	39
Apresentação	06	Implantação geral	40
Ginásio e Palestra	08	Imagens do projeto	42
O esporte e a cidade	10	Bibliografia e sites na internet	51
A cidade de Campinas/SP	13		
Acessos	14		
O Plano Diretor. A cidade dividida em Macrozonas	15		
Eixos verdes	16		
Parques públicos na cidade de Campinas	17		
O bairro Jardim Garcia	20		
Uso do solo	21		
Estrutura viária	21		
Área do projeto: a Pedreira do Garcia	24		
Pré-existências	26		
Problemas atuais	28		
Referências arquitetônicas	32		
O projeto de um parque esportivo e de lazer	35		
Condicionantes do microclima Local	37		

# Apresentação



## Apresentação.

...Ao meus olhos bola, rua, campo e sigo jogando

*Porque eu sei o que sou e me rebolo para continuar menino*

*como a rua que continua uma pelada.*

Galvão (Os Novos Balanos)

Como transformar um espaço de prática de esporte num local de socialização e cidadania? Seria possível pensar o esporte como uma ferramenta de formação de cidadãos para que se tornem conscientes de seus direitos e atantes no processo de formação da cidade?

Praticar o esporte é uma preparação para a vida. Nas primeiras fases de uma pessoa o esporte direciona sua inserção na sociedade ao dimensionar valores tais como união, companheirismo e solidariedade assim como competitividade, coragem e agressividade. É um prelúdio de tudo o que vai vivenciar na sua trajetória. Em escala proporcional, o esporte representa e nos faz antecipar sentimentos e valores de situações possíveis do cotidiano.

Nos dias atuais, o termo *esporte* nos traz significados muito contraditórios, e essa é uma das principais dificuldades de entender plenamente muitos de seus propósitos e benefícios. Como arma ideológica durante a Guerra Fria, ela herda a pesada pecha de servir às estruturas políticas e aos megasquemas comerciais. O Estado e as empresas usam o apelo esportivo como uma ferramenta de dominação sobre as massas, e a propagação é a alma do negócio: a imagem do atleta reflete um ideal não humano do indivíduo.

Esse não-indivíduo, com uma vitalidade hipertrofiada levada à cabo por intermédio de artifícios, exibe pelos meios de comunicação uma estranha face que confunde. É um modelo perigosamente seguido, uma errôneo exemplo da eliminação da individualidade em resposta à um estímulo desumanizado.

Este é o momento onde se perde menino brincando de bola na rua para aquele atleta flagrado num dos inumeráveis exames anti-doping anunciados quase diariamente nos meios de comunicação.

Mas o que interessa quando o assunto é o esporte? Sem dúvidas, muitas coisas dentro dos sistemas políticos e comerciais não estão dando certo. O termo esporte vem sendo re-significado e tem a sua prática deturpada de uma origem seminal mais relacionada com a formação do indivíduo e a construção de uma idêia de cidade.

Então, o que realmente nos interessa no esporte é exatamente essa retomada daquilo que, de certa maneira, ele efetivamente perdera na instância de uma sociedade global mas que no âmbito da cidade, sobretudo por seus objetivos, sua significância social ou psicossocial, e sua capacidade de reprodução e atendimento múltiplo e democrático, tem um papel efetivo na construção da comunidade e da urbanidade envolvida neste processo social.

Tendo esse panorama sob perspectiva, me debruço sobre o tema do projeto de um equipamento urbano que esteja além das formas mercantilizadas do esporte e que retoma a prática esportivas cujos benefícios são mensurados através da saúde física e mental, exarminando os benefícios dos exercícios físicos incorporados ao cotidiano das pessoas e em observância na melhoria da qualidade de vida tanto individual quanto coletiva

Os exemplos são incontáveis: desde o SESC-Pompéia de Bardi até a Minivila Olímpica de Ab'Saber, muitas são as referências sobre os espaços para a prática de esporte que envolvem apenas o tema da saúde como um dos principais ítems da base da estrutura individual, e que juntamente com a educação são os principais formadores da cidadania.

Ginásio e palesstra



## Ginásio e palestra: espaço clássico de convivência.

Dialogar e exercitar. Duas atividades dos dias atuais que cada vez mais se distanciam. A atividades físicas, o esporte, o exercício corporal seja individual ou coletivo, exclui o posicionamento reflexivo e de comunicação. Os espaços esportivos servem para o observador passivo, sem crítica ou auto-crítica, mercantilizado em sua atitude complacente e consumista. Sua face eletrizada transparece a vacuidade de seu cotidiano, apático e mecanizado, consequência direta ou indireta da ausência de estímulos intelectuais. Não há diálogo possível.

No lugar disso, competitividade como nos grandes estádios, ginásios e mega-eventos: uns tantos assistindo outros poucos a duelarem ferozmente por um dígito a mais no placar. Gol de quem? Quem chegou em primeiro? Qual foi o tempo? Framente visto, expressões vazias para a maioria das pessoas. Alguns poucos sortudos a relatarem a história. Quem esteve lá, viu e vibrou. Se tentou confraternizar com o craque-artilheiro-ídolo-quasedeus se deu mal. Ficar longe de quem está jogando é uma lei que não deve ser desrespeitada, a custo de uma boa decompostura. Hája costa para tantas borrachadas. Era só um abraço em meu ídolo de infância.

O espectador esportivo é um ser pouco atuante, sua posição é de mero assistente, macaco-de-auditório de um grande espetáculo. Falla-lhe a ação: seu corpo definha enquanto aqueles competidores hipertrofiam. Aumenta a sensação de euforia enquanto a auto-estima está alimentada pela vontade de ser o outro: quem nunca pensou em marcar aquele gol do Ronaldinho? Mas como ele mesmo, Ronaldinho, na pele dele, incorporado. Mais que isso: ser ele. Ou quis ser, estar ou fazer aquilo que não poderá simplesmente por não ser “aquele outro”. Frustração.

O espaço esportivo na atualidade vem reproduzindo os desequilíbrios da

cidade que mercantiliza sua funções, resultantes do avanço dos interesses econômicos (das mais variadas escalas) sobre o processo da formação da cidadania.

Na Grécia clássica, diálogo e a prática de jogos se equivaliam e desfrutavam os mesmos espaços na pólis. A prática de modalidades esportivas na pólis grega do período Clássico (séculos V e IV a.C.) representavam muito mais que apenas embates esportivos, eram também elementos de identidade e coesão social «...espaço de integração social, sendo um *locus* privilegiado para a construção da memória políade.» (LESSA, 2005:327). Realizados ao ar livre, os exercícios corporais eram entremeados pelas conversas, rodas de pessoas dialogando e fortalecendo corpo e espírito, numa clara indiferenciação entre a matéria e o intelecto. O corpo era utilizado como sistema de expressão: expondo um corpo saudável e belo, o cidadão estaria expondo também a beleza e o bom andamento da sociedade. As atividades eram realizadas em locais abertos.

Nessa sociedade, berço da democracia, os “cidadãos livres” eram tidos como iguais e sem distinção de qualquer ordem. Discutiam sobre as questões cotidianas e filosóficas, dedicavam esse tempo ao aperfeiçoamento das habilidades físicas, usufruíam de um lugar onde não existia oportunidade para a observação passiva e sem apreciação reflexiva. A ação e o pensamento completavam o ciclo de cidadania, formavam as opiniões que vinham a influenciar o funcionamento da pólis em suas várias esferas.



Ruínas de estádio olímpico - Olímpia (séc. V a.C.)



**O esporte e a cidade**



## O esporte e a cidade.

Na história recente da formação da cidade, que vai da Revolução Industrial aos nossos dias, é particularmente acentuada a pesquisa sobre o desenvolvimento da mínima habitação, com uma maior atenção pela casa e pelo posto de trabalho. Nos últimos anos se é pensado apenas na organização do território como elemento incentivador do comércio, desatendendo a demografia, o trabalho produtivo, a recreação, com exceção de poucas e recentes intervenções em suporte do esporte-espetáculo e transgredindo a edificação de uma "cidade-visível" da nossa modernidade.

O homem contemporâneo tem sido sujeitado pelas grandes transformações que refletem uma vida de reduzida atividade física. Ele é, por essa razão, inclinado a preferir um tipo de recreação a qual inclui tanto a possibilidade de educação física e a ocasião para novas trocas pessoais de idéias e comunicação. Todas as quais tinham lugar nos mercados e praças, enquanto hoje, com o advento das novas comunicações, o homem está submergido em quase total silêncio. Se a sociedade mudou, cabe ao arquiteto identificar um tipo de intervenção no tecido urbano tal a permitir a vida e restaurar o equilíbrio de uma comunidade agora reduzida a rotina cotidiana.

Se tenta de muitas maneiras, mas de modo casual, gerar uma série de paliativos que permitam nova atividade, se pensa na caminhada e na corrida, e modos estão sendo procurados para animar a vida urbana sem elaborar uma metodologia para as operações das quais as cidades são a fundação básica.

Especialmente inexistentes são as estruturas adequadas para o desenvolvimento das crianças da cidade, que um dia serão cidadãos totalmente crescidos. A prática de esportes, com sua forte motivação,

em alguns casos cria grupos que, através do espírito do jogo, conduzem a animação lúdica, neste caso também, especificamente dirigido e limitado no tempo.

No mesmo caminho, pessoas idosas devem ter aptas a frequentar lugares onde elas possam interrelacionar com todos os três estratos da população, idade e grupos, em lugar de serem forçados para dentro de uma espécie de gueto social marginalizado. Concomitante a modernidade vinculada dando um novo significado à cidade contemporânea através de várias redes, incluindo recreação e esporte, não excluindo o esporte-espetáculo, a qual deve ser adicionada todo o equipamento necessário a providenciar uma recepção completa

Em outras palavras, isto significa concluir o objetivo real da arquitetura, a qual não apenas a satisfação de necessidades mas incentivos para a criação de novas necessidades: uma arquitetura não dedicada ao modo acadêmico, porém inovadora em sua intemporalidade.

No específico caso dos esportes, este diferente modo de planejar significa pensar em como a recreação esportiva "pode conter o indivíduo", seu modo de recrear e comunicar; significa encontrar no tecido da cidade renovada polos de troca através de pequenos e médios centros concebidos aos grandes estádios por significativas redes de comunicação. É muitas vezes dito que o estádio é um símbolo tão bem quanto um ponto de encontro para atividades esportivas: hoje a arena é projetada para os atletas de elite, enquanto a arquibancada é para o observador passivo; por isso a escala gigante do equipamento, que muitas vezes envolve somente um desperdício de recursos ao invés da criação de um 'focuss' para ativar o intercursos sociais; em outras palavras, ou não suficientemente grande ou muito inútil.

Ocorre incrementar a prática esportiva popular distribuindo os equipamentos, um ponto que deve providenciar um incentivo para o planejador urbano como ele deve modelar estes equipamentos tanto que ele possa utilizar a ocasião para ativar a monotonia da paisagem e opor e combater a resposta letárgica para o prospecto da participação.

O assunto é expressado simplisticamente também porque é óbvio de que os esportes servem uma função social válida e também porque o esporte como entretenimento é condenado muito facilmente: no contexto sócio-econômico desempenha um papel muito mais do que um simples fenômeno.

O relacionamento entre equipamentos esportivos e a cidade teria que ser mais convincente, seja onde for uma estratégia operacional e encontrar o que proverá equipamentos que enriqueçam nossa vida social e que, por essa razão, constitua ocasiões para a transformação de paisagens – que, isto é, compensará as falhas e promoverá um adequado desenvolvimento com respeito ao conceito de uma “cidade visível”.

O tema da construção de um equipamento esportivo é o tipo de projeto que chama por uma particular atenção pelo seu impacto no meio ambiente urbano. Isto é devido, principalmente, porque este tipo de projeto “torra de escala” não pode ser analisado meramente em termos de suas formas ou a filosofia de design, tampouco pode ser simplesmente analisado de um ponto de vista funcional, mas ocorre que para entender as implicações envolvidas neste tipo de projeto é preciso examinar cuidadosamente as razões sócio-políticas disto ser construído.

A primeira desta várias implicações é inquestionavelmente os efeitos diretos de seu design e locação no tecido da cidade. Uma implantação esportiva tem um poderoso impacto na cidade em todas as suas várias facetas. Um implantação esportiva, como qualquer obra de caráter público, une as pessoas e encoraja formas de interação social que, hoje de modo particular, não se consegue mais distinguir os limites. É impossível definir onde o trabalho delimita a sua área de aplicação e onde o jogo esportivo concentra a atividade lúdica ou espetacular em limites bem definidos.

A força emotiva destas somente aparente atividades conflitantes está, principalmente, no fato de que uma é complementar a outra e, às vezes, simultâneas. Hoje a complexa leitura da evolução da sociedade impõe a competitividade esportiva entre grupos de pessoas, nações e religiões em que, nestes casos, juntam forças para produzir um único esforço

esportivo.

Esta reflexão, que induz a pensar como a diversidade se anula, faz as similaridades emergirem, embora este tipo de rivalidade inevitavelmente transforma-se em batalha pela supremacia. A rivalidade é criada pelas forças de trabalho, seja tanto físico ou intelectual, o qual explica como as estratégias do jogo da economia são ditadas pelas inerentes diferenças das mais profundas similaridades. Isto é também o motivo da arquitetura, especialmente o design arquitetônico de obras esportivas ser forçada a confrontar-se com o tema de diferente conteúdo social, fazendo um ponto de vista da componente sócio-política que não pode ser só observada na sua simples expressão estilística e tecnológica, desde que o modo de como uma obra esportiva é planejada e projetada deva atender a todos estes fatores em consideração.

Uma obra esportiva é cada vez mais um importante símbolo na sociedade contemporânea da qual seu design arquitetônico e função são somente fatores mínimos.

**Campinas-SP**



## Acidade de Campinas - SP.

**Campinas** é um município brasileiro no interior do estado de São Paulo, sede da Região Metropolitana de Campinas. A data de sua fundação é do ano de 1774. Localiza-se a noroeste da capital do estado, distando desta cerca de 90 quilômetros. Ocupa uma área de 795,697 km<sup>2</sup>. Sua população estimada em 2008 era de 1.039.297 mil habitantes, sendo 530.041 mulheres e 509.256 homens (969.396 na área urbana e 69.901 na rural).

Hoje concentra um grande número de indústrias de ponta e exibe feições de metrópole. Sua base econômica é a industrial e a sua vocação cultural predominante é a universitária. E sendo hoje um pólo de tecnologia, cabe relatar a memória deste ajustamento às inovações. Durante os mais diversos ciclos econômicos da região ela serviu das mais diversas maneiras aos viajantes, e além disso veio acolhendo muitas pessoas que viam na cidade um lugar próspero e de clima agradável. Tive o seu ápice econômico durante a expansão da agricultura cafeeira para o noroeste paulista e somente teve sua importância diminuída no século 18 por ocasião do forte desenvolvimento industrial da capital paulista..

Durante as décadas de 1970, 1980 e 1990, a "princesa" participou das regiões pioneiras do cenário econômico, social e político do país.

Hoje, ela pode até mostrar, em parte, as vestes corroidas por uma perversa degradação de alguns espaços e serviços públicos, mas seu passado foi marcado pela pujança da economia cafeeira e por idéias, atitudes e políticos de vanguarda.

No campo das atividades físico-esportivas, Campinas possui forte tradição, com um grande número de equipamentos públicos administrados pela Administração Pública Municipal, inúmeros clubes e associações de classe destinadas ao lazer e esportes.



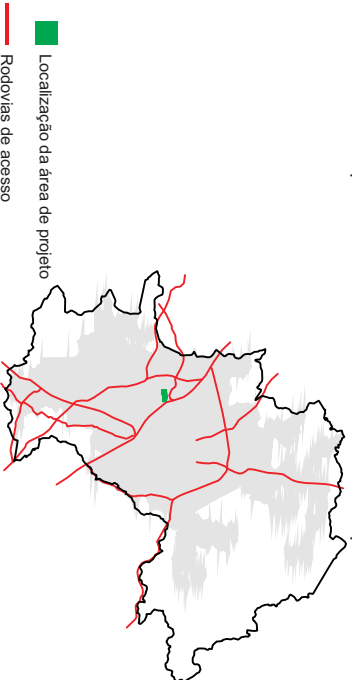
Vista aérea da cidade de Campinas, região central. Foto: Gabriel Mlossi.

## Acessos.

Devido aos fatores históricos relativos à sua economia, posição geográfica e importância política, existe na região de Campinas um variado sistema de transporte que permite a conexão da cidade para com todas as outras cidades e regiões do estado e do país.

Esta característica mostra o potencial de crescimento da cidade e é um prerrogativa importante na análise de desenvolvimento regional e mostra o quanto é necessário cada vez mais pensar o futuro da cidade em relação à essa demanda premente.

O acesso à Campinas desde a cidade de São Paulo pode ser feito através do sistema rodoviário Bandeirantes - Anhanguera. De outras partes do estado são utilizadas principalmente as rodovias Anhanguera, a Dom Pedro le a Santos Dumont. Existem ainda outras rodovias menores que interligam as cidades da Região Metropolitana de Campinas como as rodovias Adhemar de Barros, Rodovia Jornalista Francisco Aguirre Proença, entre outras. Através do Aeroporto Internacional de Viracopos, localizado a vinte quilômetros do centro da cidade de Campinas.



Existe em Campinas um terminal ferroviário de cargas que serve exclusivamente para o transporte de carga. Para o futuro está previsto pelo governo federal e da iniciativa privada a interligação da cidade com o eixo Rio de Janeiro e São Paulo pelo uso do Trem de Alta Velocidade, ainda em fase de licitação e previsto para estar em funcionamento até o ano de 2014.



Terminal multimodal Ramos de Azevedo



Rodovia Bandeirantes (SP 348)



Aeroporto Internacional de Viracopos



Rodovia Anhanguera (SP 330)



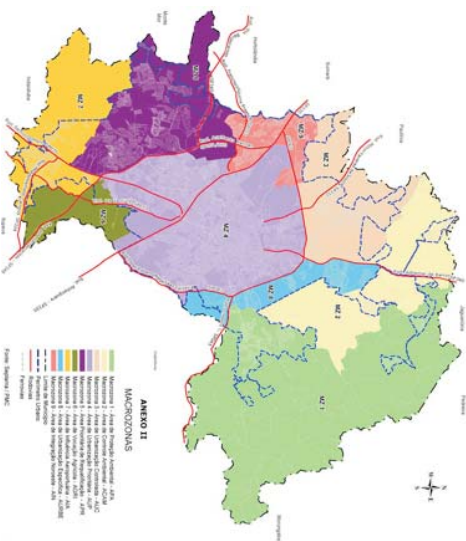
Terminal ferroviário (Brasil Ferrovias)



Trem de Alta Velocidade SP/RJ

## O Plano Diretor. A cidade dividida em Macrozonas.

O Plano Diretor de Campinas, em vigor desde 1996, se estruturou, em: **macrozonas, áreas de planejamento e unidades territoriais básicas.** Como limite de macrozonas foram utilizados divisores de água das microbacias e barreiras físicas do município. As 37 áreas de planejamento, delimitadas em função da dinâmica de estruturação urbana. Área urbana, subdividida em 77 unidades territoriais básicas, correspondem a bairro ou conjunto de bairros, com denominação que procuraram consagrar nomes pelos quais a comunidade reconhece as unidades. A subdivisão, baseada em barreiras físicas, separaram porções do espaço urbano com um grau significativo de homogeneidade.



O Jardim Garcia localiza-se na Macrozona 4, que caracteriza-se pelo crescimento rápido e desordenado da urbanização que vem a favorecer o surgimento de problemas sociais.

São preocupantes nesta macrozona, o grau de alteração das condições naturais dos terrenos e a degradação e saturação da infra-estrutura, decorrentes do condicionamento de alguns dos problemas ambientais como enchentes, ocupação inadequada a dos vales e planícies fluviais e a deterioração da qualidade das águas dos rios. Acrescentam-se a estes problemas, aqueles provocados pela excessiva concentração de atividades e deslocamentos e pela alta densidade de ocupação, especialmente da área central da cidade, o que se reflete em formas variadas de poluição e congestionamentos.

A resolução dos problemas ambientais observados nesta macrozona vincula-se muito mais à adequação e implantação de obras de infra-estrutura e a definição de critérios legais para a reorientação e ordenamento da ocupação, do que as diretrizes de manejo e conservação do meio físico.

A área de projeto escolhida se encontra no limite entre as Macrozonas 4 e 5, sendo esta faixa de transição com características comuns entre ambas e também apresentando as peculiaridades de cada uma delas.





## Eixo verde.

Um fator muito importante a ser dado ênfase é a implantação de Eixos Verdes de urbanização, uma ação prevista no Plano Diretor de Campinas, que tem o objetivo de aumentar a área de cobertura vegetal do município. A idéia é de que ocorra por intermédio de projetos das mais diversas áreas, e que venham gerar incentivos para essas localidades a partir de parcerias entre os poderes públicos e a iniciativa privada.

Segundo os especialistas em ambiente, o projeto de criar eixos verdes, preservando as áreas vegetais já existentes e ampliando o perímetro ao seu redor, poderá trazer múltiplas vantagens. Vai servir, ao mesmo tempo, para recuperar espaços degradados, evitar o despejo de entulho, melhorar a qualidade do ar, proporcionando conforto térmico e embelezamento paisagístico. Além disso, a proposta vai garantir a criação de outros locais de lazer para a comunidade.



Se implementada, essa ação provocará um aumento equivalente a da maior reserva verde do município multiplicada por doze. O objetivo disso é encontrar o equilíbrio entre a preocupação ecológica e o grau de desenvolvimento econômico.

Em resumo, os eixos verdes consistem na recuperação de Áreas de Preservação Ambientais (APA) permanentes e várzeas degradadas, servindo como diretrizes municipais de resgate ambiental, atralado à dinâmica do desenvolvimento urbano. Destaca-se nesse ponto o estado atual dessas áreas, em que as condições de desuso e destruição é agravado pelo despejo de entulhos e resíduos sólidos.

Desta forma a criação de um parque público de caráter esportivo tem esse caráter de implementação dos Eixos Verdes, para o qual terá o sentido de manutenção e aumento dos espaços verdes de forma que atinja o índice (metro quadrado por habitante), de acordo com os padrões mínimos recomendados por agências especializadas.



## Parques públicos na cidade de Campinas.

Apesar de uma legislação atualizada sobre a política de meio ambiente com pautas gerais sobre as áreas verdes\*, e também uma outra específica de esportes e de lazer\*\*, a cidade de Campinas ainda apresenta um significativo déficit em espaços livres qualificados. Analisando a posição e a quantidade dos equipamentos urbanos de esportes e lazer é de se notar que estes são insuficientes para atender à uma população das dimensões da que tem a cidade de Campinas.



Vista da Lagoa do Parque Taquaral.  
Fonte: A Revista da Região Metropolitana de Campinas

Os outros que existem estão localizados em zonas periféricas de difícil acesso, destinado à esse uso mas por questões de ausência de interesse na exploração econômica da área do que por questões ambientais. O problema tende a piorar: a prefeitura alega não ter recursos para a manutenção dos parques existentes quanto mais para a implantação de novos parques.

O Parque do Taquaral, o maior e mais bem equipado da cidade, construído nos anos 70 durante a gestão do prefeito Orestes Quercia, é um exemplo ímpar na situação dos equipamentos deste tipo. Por sua localização, a facilidade de transporte, excelente área verde e mobiliário urbano adequado, apresenta um afluxo de usuários em números bem acima do que qualquer outro de toda a região. É um caso a parte.

Atualmente, Campinas possui espaços livres na categoria de parques urbanos, tanto bosques quanto parques e muitos deles apresentam características específicas para a prática esportiva, com equipamentos esportivos, áreas de descanso, quadras e pista de caminhada e ciclismo. Poucos deles como o Parque dos Guarantãs, que abriga o Centro Esportivo Bernardo Kaplan, tem um sentido voltado para o esporte. Este e o já citado Parque do Taquaral, são uma exceção em regra: todos os outros tem uma função principal (ecológica, museográfica, espetáculo, descanso) na qual vem a adequar à alguns usos esportivos.

Um grande obstáculo para o uso desses equipamentos urbanos pela população em geral é a concentração em bairros afastados da periferia e aonde localiza a maior parte dos habitantes da cidade. Para estes bairros mais distantes são destinadas as chamadas *praças esportivas*, que vem a ser pequenas glebas de terra precariamente dotada de algumas quadras, campos de areia, às vezes piscina com vestiário e salão de eventos. Existem umas dez dezenas desta tipologia, bastante marcada pela inadequação de seus espaços para a prática de esportes.



Bosque dos Guarantãs (Campinas)

## Clubes municipais.

Para, em grande parte, suprir a falta de opções de lazer e esporte para a população dos bairros mais periféricos da cidade (considerando a lógica urbana das cidades brasileiras, a camada social mais carente deste tipo de benefício), o governo municipal mantém uma série de equipamentos urbanos de caráter esportivo denominados *clubes municipais*.

\*A legislação do município possui um conjunto de regras gerais que protegem as áreas verdes do município, não tendo uma específica sobre a criação de parque e áreas verdes. Necessita confirmação.

\*\*Lei nº 12.353 de 10/09/2005, institui a Política de Esporte e Lazer no Âmbito do Município de Campinas e dá outras Providências.

São considerados como "um novo conceito de espaço municipal de Esportes e Lazer" e tem como modelo um conceito similar aos dos clubes privados em administração e oferta de serviços de Esportes, Lazer e Convívio Social, para o público que não tem acesso aos centros esportivos privados da cidade.

Estes locais permitem que sejam realizados uma série de eventos esportivos e de lazer, muitos dos quais fazem parte do calendário municipal de eventos, tais como Jogos Universitário de Campinas que chega a movimentar cerca de dois mil estudantes da região. Um dos locais escolhidos para a competição foi o Clube Municipal Roberto Angelo Barbosa - 31 DE MARÇO

De acordo com o secretário de Esportes e Lazer, Gustavo Petta, a competição cumpriu vários objetivos. "Conseguimos mobilizar as atléticas, que têm uma experiência nesse tipo de competição, e também envolver os alunos. Mas vai ser na persistência que conseguiremos fazer com que os Jogos Universitários voltem a ser uma tradição como foi no final dos anos '70", afirmou.



Sede administrativa  
Clube Municipal Roberto  
Angelo Barbosa.  
Foto: PMC.



Vista aérea - Clube Municipal Roberto Angelo Barbosa. Fonte: Google Earth.

O clube também oferece atividades físicas e áreas de lazer. É possível fazer aulas de ginástica localizada e hidroginástica, além de diversas atividades esportivas. No local, os idosos também têm a possibilidade de realizar atividades como vôlei adaptado ( que não exige tanto esforço do jogador) e caminhada, sempre acompanhados por um professor de educação física para orientar a realização dos exercícios. O Clube também mantém uma parceria com o Centro de Saúde do bairro, que também orienta os frequentadores.

Assim como este, existem outros clubes municipais nos mesmos moldes e exercendo o mesmo papel social e urbano. Sua relevância se mostra pelo uso que é feito deles pela população, servindo como espaço de lazer e esporte, fornecendo um aparato para a complementação de uma sociabilidade aprendida e exercida no dia a dia.

O bairro



## O bairro Jardim Garcia

**Jardim Garcia** é um dos bairros mais antigos da região Oeste de Campinas. Os limites deste bairro são a Avenida John Boyd Dunlop, Avenida Transamazônica e o córrego Pigarrão.

O seu loteamento é iniciado na década de 1970, onde os primeiros moradores eram, em sua maioria, pessoa vindas de outras regiões do Brasil. Em meados da década de 1980 as principais ruas do bairro foram asfaltadas. No início dos anos de 1990 um outro projeto foi responsável pela pavimentação do restante das ruas.

Este bairro possui duas escolas, sendo uma estadual e uma particular, uma creche municipal, um posto de saúde, uma base da guarda municipal, além de veterinárias, pizzarias, escola de música, lanchouses e outros estabelecimentos comerciais que atendem a região. Além disso, existem atualmente duas linhas de ônibus que são utilizadas para o transporte até a região central da cidade, sendo elas: Parque dos Eucaliptos e Jardim Garcia. Mas estas não as únicas opções de transporte, uma vez que pela Avenida John Boyd Dunlop transitam diversas linhas de ônibus/vans que transportam passageiros para diversas regiões da cidade, como Shopping Iguatemi, Unicamp e Ouro Verde e Centro.



- 1 - Jardim Garcia
- 2 - Vila Padre Manoel da Nobrega
- 3 - Vila Castelo Branco
- 4 - Jardim Londres

## Dados

População residente	54.885 habitantes
Área do bairro	13,358 km <sup>2</sup>
Densidade	4.108,69 hab/km <sup>2</sup>
Rendimento dos responsáveis pelo domicílio	71,31% até 5 s.m.
Responsáveis pelo domicílio não-alfabetizados	4,87%
Mulheres responsáveis pelo domicílio	24,66%
Mulheres responsáveis pelo domicílio não-alfabetizadas	9,48%
Mulheres responsáveis pelo domicílio sem rendimento	8,04%
População com 70 anos ou mais	4,07%
População até 19 anos	31,07%

## Uso do solo

No entorno há o predomínio de habitações e médio padrão, basicamente construções convencionais de alvenaria e concreto de 1 a 5 pavimentos. Existem no bairro condomínios verticais de até 4 pavimentos no estilo dos conjuntos habitacionais. Em geral estão em razoáveis condições de manutenção, com uma ou outra unidade precisando de reparos mais imediatos.

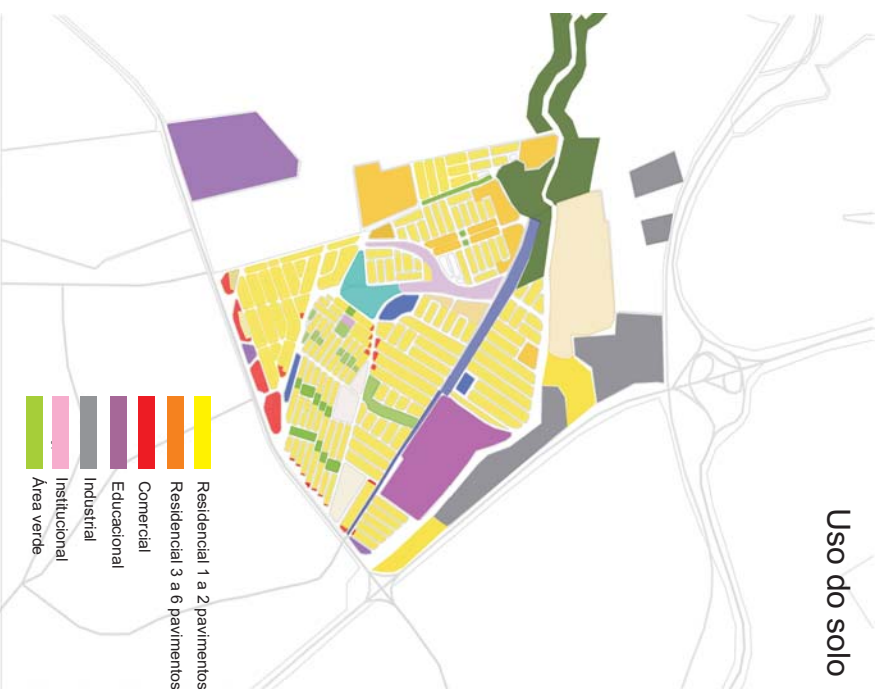
Na parte alta do bairro, próxima à avenida John Boyd Dunlop, se concentra a maior parte do comércio do bairro, representado principalmente pela área alimentícia (supermercados, lanchonetes e restaurantes). O córrego permeia a parte baixa do bairro, essencialmente residencial e limitrofe à área industrial que margeia a rodovia Anhanguera.

Acompanhando o curso d'água até onde ele sai do bairro, neste final de trajeto encontramos uma área verde composta principalmente por gramíneas, arbustos e árvores que, apesar da proximidade com o corpo hídrico, não apresenta uma configuração de mata ciliar, fato que por não exercer sua função protetora das margens, permite com que exista um avançado processo de erosão. Esse corpo vegetal é uma formação terciária, resultado da devastação causada pelo processo de urbanização, não existindo resquícios da formação vegetal original.



Ponto de afloramento de córrego aterrado.

Na parte central do bairro houve o tamponamento de um antigo córrego existente na área, não sabendo se foi canalizado ou simplesmente aterrado. Há o afloramento desse curso d'água em ponto próximo ao córrego que serve para abastecer um pequeno reservatório utilizado para a criação de alguns animais mantidos na região, tais como equinos, bovinos e outros.





## Estrutura viária

O bairro é limitado por importantes vias de acesso tanto em relação às avenidas quanto rodovias estaduais. A região sul é margeada pela avenida John Boyd Dunlop, um dos maiores corredores de tráfego da cidade, que liga as proximidades da região central da cidade (Vila Teixeira) até os bairros mais distantes da região oeste da cidade (Campo Grande). Sua extensão é de aproximadamente 13 km e tem pista dupla em quase toda a extensão.



Av. John Boyd Dunlop. Fonte: Google Earth.

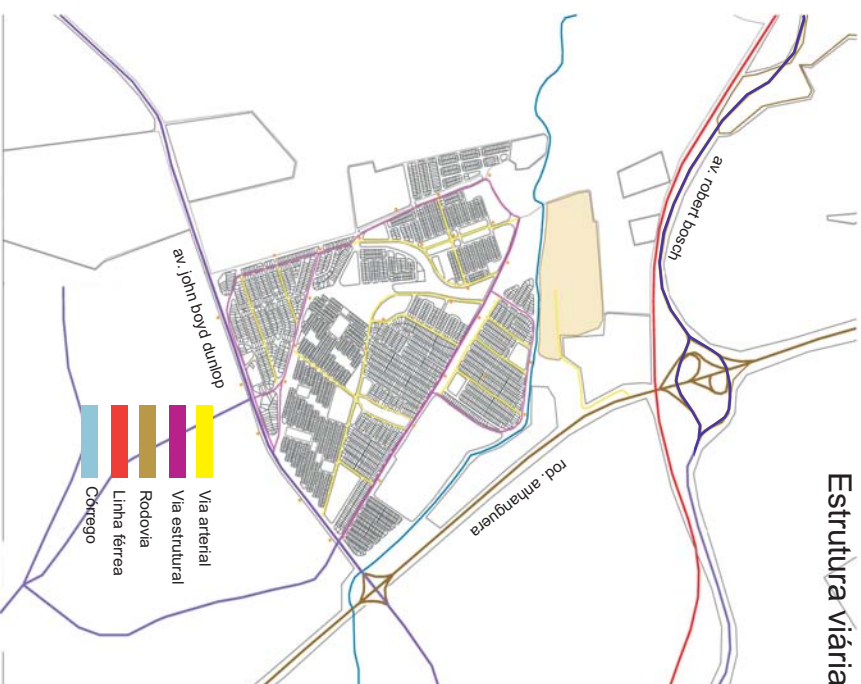
Esse trajeto das torres de distribuição é protegido por faixa de solo de 30 metros onde não existe ocupação do solo ou vegetação arbórea ou arbustiva, apenas gramínea. Essa faixa de proteção vem até próximo à área de projeto e nesse ponto próximo está o afloramento do curso d'água aterrado citado anteriormente.

Esta via estrutural se conecta à uma outra com importância local, a avenida Transamazônica, que permite a conexão dos bairros próximos. Vale destacar que em grande parte de sua extensão ela acompanha as torres de distribuição de energia elétrica.



Cruzamento das avenidas John Dunlop e Transamazônica.

Pode ser citada também a linha férrea que passa ao lado da avenida Robert Bosch (que conecta-se com a rod. Jorn. Francisco Aguirra Proença, permite acesso à rodovia dos Bandeirantes). Tanto a linha férrea quanto o córrego Piçarrão são limites que se configuram como obstáculos que barram o acesso das vias à área de projeto. São poucas as passagens que permitem a chegada à área entre esses dois limites e, por enquanto, barram o crescimento do bairro para esse ponto.



**A área de projeto**



## A Pedreira do Garcia.

A Pedreira do Garcia é uma grande área localizada na cidade de Campinas, no bairro Jardim Garcia, região Oeste do município. Toda a área é originária de uma antiga extração de pedra para a construção civil e atualmente não existe um uso urbano específico desta área.

O local possui uma área de 22 hectares, sendo que quase sua totalidade é constituído de área plana, com exceção de um grande desnível que forma um paredão de pedra resultante da antiga extração mineral. Suas características físicas fazem com que o local seja utilizado para a prática de *rapeil*, uma variante do montanhismo.

Por ser uma área livre e de geografia predominantemente plana, com boa insolação e correntes de vento, é um dos melhores locais da região oeste para a prática de corrida e caminhada, contendo uma pista de terra batida e brilha com a extensão de aproximadamente 2,5km.



Situação atual da área: mobiliário urbano instalado.

Lá está instalado um campo de futebol com 70 metros de comprimento por 50 metros de largura de terra batida, sendo o Único no bairro com essas dimensões. Além dele tem uma área de ginásticas, parque infantil e pista de skate que, mesmo em condições precárias, são utilizados pelos moradores do bairro para as atividades de lazer e esporte. Mesmo o grande espaço livre permite a atividade de aeromodelismo e de treinamento de pilotos de helicóptero. Essas instalações, mesmo que precárias e abaixo das necessidades de uso das pessoas, permitem que a área seja utilizada. Não são melhorias realizadas pelo poder público, mesmo porque a área é de propriedade particular, mas existem pela influência e ação de um vereador local.

Seu relevo original está descaracterizado pela extração de pedra para a construção civil, a qual veio a formar um paredão de pedra de aproximadamente 20 a 25 metros de altura e mais de um quilômetro de extensão. O terreno tem pouco desnível no sentido longitudinal vindo a formar ao longo deste uma extensa área plana.





Mapa de delimitação da área de projeto.  
Área total aproximada: 40 hectares.

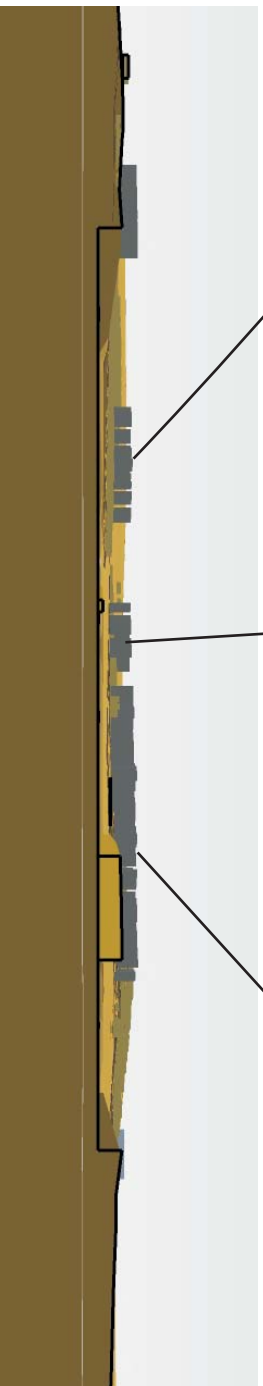


Vista da área em direção ao oeste. Detalhe do paredão de pedra.



Imagem da parte plana da área (vista para o sul.)

## Pré-existências.

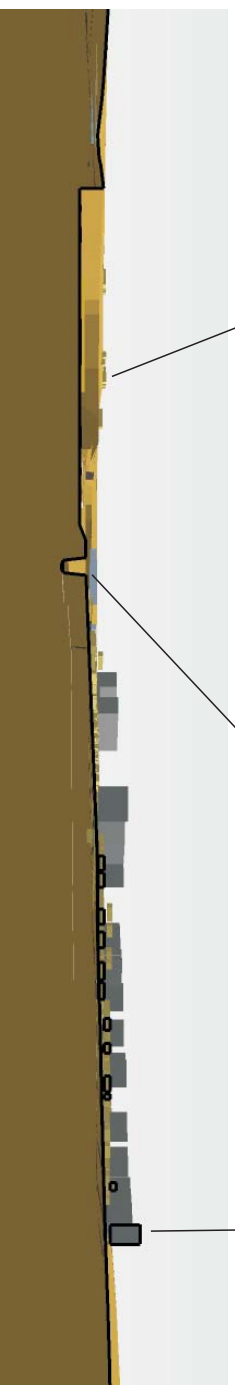


## corte transversal à área de intervenção com vista para o Sul

**1-** Parte do bairro ocupado por tipologias habitacionais de 1 a 2 pavimentos. Nessa área que ocorre, em sua maioria, as pequenas áreas comerciais, feira livre, escolas, praças públicas, entre outros. Destaque para a diluída presença de arborização.

**2-** Tipologia habitacional comum no bairro, com 5 pavimentos e disposto sobre lote em grande parte livre (com gramado) entretanto sem uso coletivo, tais como áreas de esporte, de diversões, etc. Servem na maioria das vezes de estacionamento.

**3-** Região do Jardim Garcia com predominância de tipologia residencial acima de 3 pavimentos, em sua maioria são conjuntos habitacionais. É uma área limítrofe do crescimento dessa micro-região com tendência de ocupação do espaço urbano ainda vazio em direção às margens da rodovia Bandeirantes.



## corte transversal à área de intervenção com vista para o Leste

**4-** No flanco leste da área de intervenção existe o tipo de ocupação basicamente industrial, caracterizado por médias empresas da construção civil e de transportes. Através dessa visual é possível notar parte de outro bairro além da rodovia Anhanguera e bem ao horizonte, parte da região central da cidade.

**5-** A área de intervenção é delimitada no lado sul pelo córrego Piçarrão. O intenso processo erosivo de suas margens altera drasticamente sua configuração natural, e é agravado pela ausência de vegetação ciliar.

**6-** Apesar de tão anunciada a expansão do bairro, interesses financeiros do capital especulativo barram temporariamente o avanço para o vazio urbano. Destaque para as construções localizadas nesses limite que, pela idade anunciada na fachada degradada pelo tempo, são as últimas construídas à anos.

## Problemas atuais.

Apesar da precariedade do mobiliário urbano já existente no local e da sua manutenção, existe uma constante utilização da área para atividades de lazer e de esportes. Por se tratar de uma área de propriedade particular cedida para o uso da população, o acesso ocorre de modo aberto e irrestrito tanto durante o dia como à noite. Devido as limitações impostas pela falta de iluminação e segurança, existe a preferência quase exclusiva por atividades diurnas.



Praticante de rapel que frequentam o local nos finais de semana.

Para as práticas esportivas (individuais e coletivas) e as de lazer não há nenhum dispositivo ou tipo de controle de como ou quando fazer a não ser aquele realizado pelos próprios usuários. Na medida do que pode ser feito pelas pequenas iniciativas no sentido do que diz Saskia Sassen sobre “olhos da rua”. Segundo um praticante de rapel, os horários de uso e como é usado acontece de acordo com o “bom senso” de cada pessoa. É comum ouvir a expressão “isso aqui é nosso”, numa alusão à necessidade de que cada um é responsável pela manutenção do lugar.

As más condições do local é criticada pelos que buscam esporte e lazer. Na Pedreira do Jardim Garcia, a reclamação dos frequentadores é a mesma. “Essa área é linda, um ótimo espaço para caminhadas e corridas, mas está totalmente abandonada, é uma pena”, disse uma atleta que treina no local diariamente.

“Em época de eleição, cuidam bem do local, mas depois que passa é esse descaso. Não tem sequer uma lixeira”, afirma um praticante de esporte que frequenta o local. “Mas é perigoso. Alguns brinquedos e aparelhos de ginástica estão quebrados e as crianças podem se machucar”, completa.

“Antes, aqui era bem cuidado, com marcação de distância, pistas em boas condições. Agora está tudo abandonado”, reforçou outro que também treina no local.

Para a Pedreira do Garcia, não há qualquer projeto de uso e recuperação na Prefeitura Municipal. A alegação é de que se trata de uma área particular cedida em comodato para o uso da população e, desta forma, não há nenhum interesse ou possibilidade de interferência do governo do município no local.

A manutenção do local para retirada de lixo e controle de vetores de doenças era feita pela equipe da Administração Regional 5 (AR-5), que justifica a suspensão dos trabalhos por causa de obras na Rodovia Anhanguera. A AR-5 informa que, pela extensão da praça - cerca de 40 ha - não é possível realizar a manutenção sem o maquinário mobilizado pela frente de obras.

Segundo os moradores das proximidades, é aventada a construção de um condomínio residencial na área, informação não confirmada mas que parece a hipótese mais viável do que acontecerá no futuro próximo se considerando o avanço urbano na região e que sugere também a maneira como opera a especulação imobiliária em regiões próximas.

Outro problema que é diagnosticado na área também é o acesso dificultado à área. Tanto os automóveis quanto para os pedestres tem o



acesso dificultado ao local devido aos poucos pontos de travessia sobre o córrego Picarrão. É de comum sentimento de que a região ao norte do córrego não foi ocupada devido à essa característica da malha viária. Para os carros, a alternativa mais viável é atravessando o túnel sobre a rodovia Anhanguera até o bairro próximo e retornando por viaduto localizado a quinhentos metros, se gastando de carro em tempo nesse trajeto por volta de 5 minutos. Para os pedestres que querem chegar do outro lado, além da ponte que serve aos automóveis, existe também uma outra construída de madeira e perfis metálicos que pode somente ser usada por pedestres devido às suas dimensões. É a principal maneira de chegar ao local.



Principais acessos à área da pedreira: ponte para automóveis (esq.) e pedestres (dir.)

Outra característica marcante da área é o paredão de pedra. Apesar de ser utilizada para a prática de esportes, ela é sem dúvida um fator de dificuldade para o acesso da área para quem vem da região norte. O trajeto a ser feito para isso é se aproximando da área de indústrias e fazendo um caminho tortuoso de terra e envolvido por um denso capinzal.

A altura do desnível é considerável: de 20 a 25 metros nas partes mais altas. Foi criada a partir da extração de pedra e desde seu abandono (em data não levantada pela pesquisa) é apreciada por seu valor estético e pelo seu desafio esportivo. Não existe viabilidade de desmontar o terreno para buscar o anivelamento das regiões alta e baixa.

A erosão das margens do córrego é apontado pelos moradores do bairro como um dos problemas que mais preocupam. O processo vem se agravando pela ausência da mata ciliar das margens, resultado da urbanização desordenada que veio a destruí-la por não respeitarse uma distância segura das

margens das construções e

ruas, assim como a impermeabilização do solo dos arredores, fato que aumentou consideravelmente o afluo da água da chuva, que antes era absorvida pelo solo, que contribui no volume do córrego. Soma-se a isso o tipo de solo muito erosível que, devido à pouco adesão de suas partículas constituintes, vêm a sofrer um processo rápido de decomposição do leito do curso d'água. Em análise de fotos de satélite de áreas mais distantes localizadas às margens deste mesmo córrego, é notada partes onde há o depósito dessa terra desagregada que provoca a diminuição da profundidade do córrego e causa inundações em áreas urbanas e rural nas proximidades.



Córrego Picarrão: ausência de mata ciliar e erosão.

## Entulho na margem do córrego



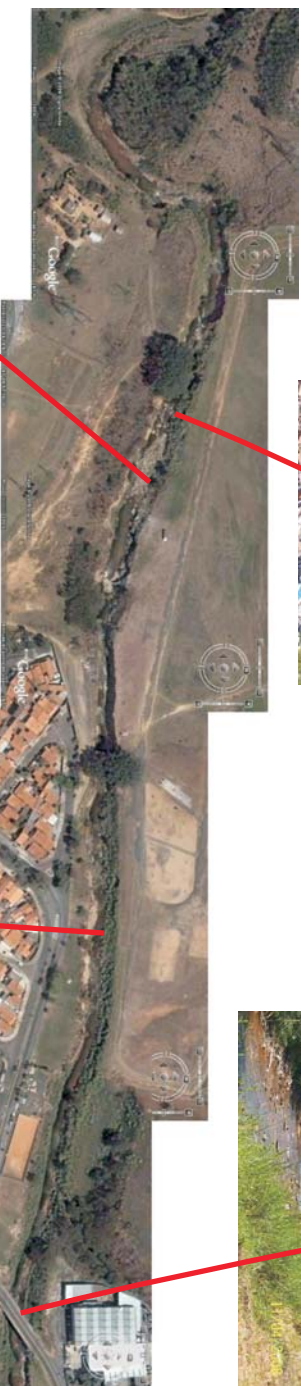
## Acesso único ao lado norte do bairro



## Processo erosivo bastante agressivo



## Ausência de mata ciliar significativa



Referências arquitetônicas



## Referências arquitetônicas



**Miguel Juliano**

Sesc Pinheiros, São Paulo-SP

Foto Nelson Kon



**Alexandre Delijaicov, André Takiya e Wanderley Ariza**

CEU Butantã, São Paulo

Foto Nelson Kon



**Juliana W. Montoya**

Projeto do Centro Esportivo de Olarias / ES



**Eduardo de Castro Mello**

Centro de Práticas Esportivas da USP – Campus São Paulo





**Departamento de Obras Públicas Municipal**

Parque Portugal (Taquaral), Campinas

Foto Rodrigo Ruiz



**Jurandir Prestes de Oliveira Jr.**

Parque Cidade-Escola da Juventude *città Di Marostica*



Centro Esportivo Miécimo da Silva



**Carlos Porto**

Estudo para Projeto do Parque do Água Santa RJ

Foto Maurício Porto

Um parque



## O projeto de um parque esportivo e de lazer.

### O percurso como orientador dos espaços.

A concepção de projeto surge mediante a avaliação dos fatores da paisagem urbana e dos elementos que a constituem, tanto o aspecto humano, relacionando o determinante sócio econômico da população, e quanto ao ambiente, nos quais estão envolvidos o clima, o relevo, o curso d'água e a vegetação.

No que diz respeito às condicionantes locais de relevo, são destacados dois fatores que norteiam o projeto e que dão as diretrizes de acessos, posição do equipamento: o córrego Piçarrão e o «paredão» da antiga pedreira. Os dois elementos da paisagem, ambos alterados de sua configuração original pela ação humana, configuram os limites físicos que trazem o aspecto mais significativo para o projeto. Para se resolver a espacialidade interna do projeto dentro da área é preciso resolver o problema gerado a partir dele, o acesso dificultado à área.

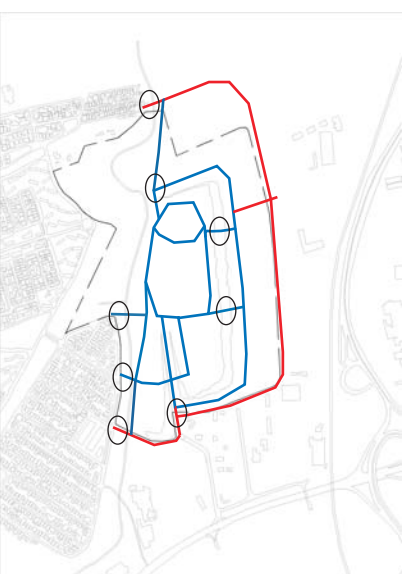
O projeto teve seu início, então, na definição de percursos possíveis relacionados à malha urbana (o percurso pré-estabelecido) e a maneira como ela aproxima-se da área e insinua a sua continuidade.

O projeto se estrutura em torno da pista de caminhada e ciclovia, o elo de ligação entre todos os espaços criados no parque. Neste percurso de aproximadamente 3,5 km na parte externa e quase 5 km entre todos os seus meandros, as paisagens vão surgindo e revelando suas funções que ora são áreas livres ora cobertas. Para tornar a pista de caminhada dentro do parque teve que ser pensada a maneira como esse fluxo teria acesso à área e, uma vez dentro dela, como ocorreria o acesso entre a parte baixa e a alta do parque. A transposição dos limites físicos é concebida, então, com o intuito de acesso tendo como limites físicos o córrego e o paredão de pedra: para o primeiro foi incluído no projeto duas passarelas de pedestres e uma ponte de automóveis, e para o segundo

duas escadas de concreto de 20 metros de altura.

Os trechos dos caminhos se bifurcam nos extremos leste e oeste do parque e também vem a conectar as duas partes do projeto.

Acompanhando o percurso da pista de caminhada de pedestre, que tem a largura de 3 metros, tem a ciclovia com largura de 1,5 metros localizada no lado esquerdo da pista no sentido horário. Ela abrange a totalidade do parque entretanto apenas tem seu início uma vez dentro do parque já que fora dele o ciclista ocupa a mesma via que a dos automóveis.



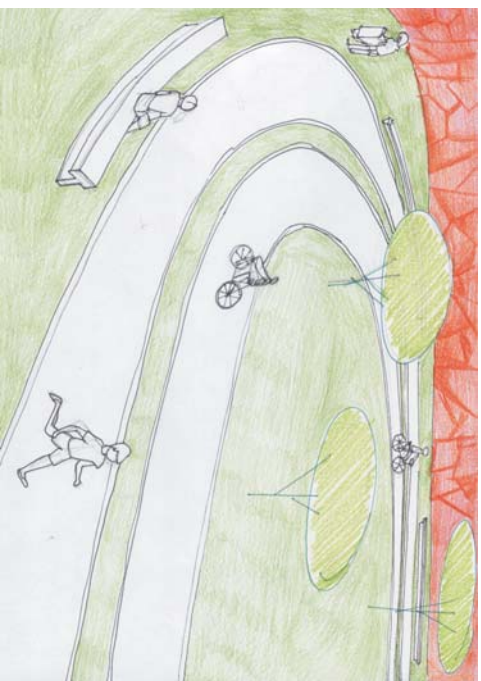
— Fluxo de automóveis

— Fluxo de pedestres

○ Transposição de limites físicos

Dados e estudos em diversos países contrariam a crença de que ciclovias aumentam a segurança do ciclista no meio urbano. Visto que, numa ciclovia, o ciclista está separado do fluxo de veículos, sua interação com outros motoristas e sua visibilidade são prejudicadas em cruzamentos.\*

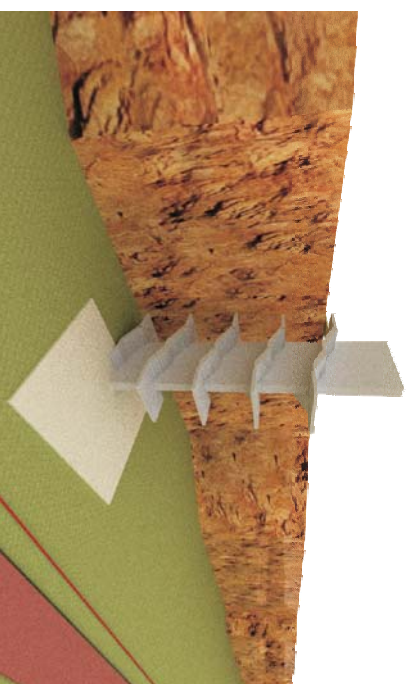
No meio urbano, a maioria dos acidentes com ciclistas ocorre justamente em cruzamentos (enquanto colídesões traseiras só são significativas em vias interurbanas ou arteriais) e isto é agravado quando se constroem ciclovias.



Esboço da pista de caminhada acompanhada pela ciclovia.

\*The Science and Politics of Bicycle Driving - North Caroline Coalition for Bicycle Driving.  
<http://www.humantransport.org/bicycledriving/science/politics/1/index.html>

Escada que serve de acesso à parte alta do parque é um item que deve ser destacado como ponto de reflexão neste projeto: uma vez o parque esportivo inclui, por sua característica topográfica, o esporte de escalada de escarpas íngremes, o rapel, pergunta-se qual seria a importância de um elemento arquitetônico de tal dimensão numa interface do relevo que tem a sua originalidade o desafio da transposição.



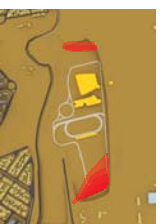
Escada para acesso da parte alta do parque, maquete eletrônica.

Nos dias atuais, o termo *acessibilidade* aos espaços físicos mostra a importância de dar a igualdade de condições para as pessoas de usar o caminho que lhe for mais conveniente e democraticamente possível, para atingir e conquistar tal espaço através de seus meios pessoais ou com a ajuda mínima de terceiros. A escada tem a dupla função de permitir o acesso mais rápido à parte alta do parque assim como servir de base para as atividades esportivas praticadas na escarpa de pedra. Serve também como nitrante para a observação da paisagem ao redor.

## Condicionantes do microclima local.

Se o percurso faz a estrutura de acesso à área do parque e pré-estabelece algumas diretrizes para a distribuição de significados, são as características das sub-divisões da área que define qual será realmente o uso de determinada localização dentro deste espaço. Um dado importante utilizado na concepção do projeto é a sua condição de insolação solar. A análise deste dado através da simulação de maquete física em Heliodom\*.

Análise de área sombreada (6 às 18h)



Equinócio



Solstício de Inverno

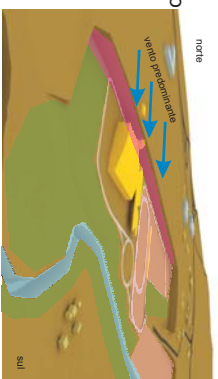


Solstício de Verão

Dessa análise da área sombreada foi verificado a existência de extensões de partes mais ensolaradas e outras que, em alguma determinada época do ano apresenta zonas de sombreamento. Essa prerrogativa faz com que se elenca-se partes da área de projeto que, segundo suas características de insolação, seriam mais adequadas para a prática de determinadas atividades. Outra decisão tomada nesta etapa de escolhas é a posição em que se encontra o ginásio poliesportivo. Para isso também é levado em conta outra variante climática: a direção dos

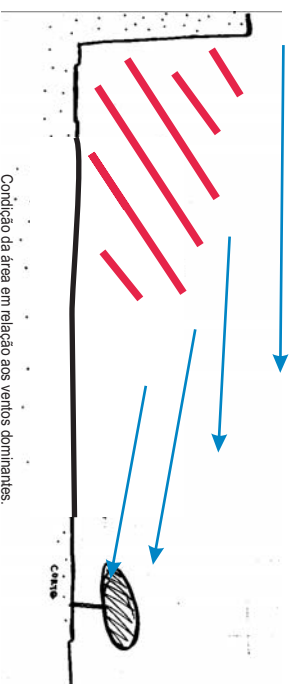
\***Heliodom** é um equipamento utilizado para simular o movimento aparente do Sol, em qualquer local da Terra, para ajustar o ângulo entre uma superfície plana e um feixe de luz e assim combinar o ângulo entre um plano horizontal em uma latitude específica e o feixe solar. Heliodoms são usados por arquitetos e estudantes de arquitetura, além de outras áreas e profissões. Colocando-se um edifício modelo (maquete) no heliodom e fazendo incidir sobre ele uma fonte luminosa, conforme os ângulos solares, o observador pode ver como o edifício se comporta em relação ao Sol em várias datas e horas do dia. Fonte: Wikipédia.

ventos dominantes. Vindo durante 30% do ano do rumo noroeste, ele é capaz de ventilar de maneira agradável o bairro, sendo considerado um fator agradável do microclima local. Entretanto, devido a condição topográfica extraordinária do terreno em questão, há um déficit de ventilação na parte baixa da área.



Representação de vista aérea da área de intervenção

A explicação é simples: vindo dessa direção, o vento «passa» por cima da área e forma um bolsão mal ventilado abaixo da escarpa de pedra, o *paredão*. Quem se encontra nesta parte sente a temperatura no local mais elevada e o ar mais abafado, diferentemente de quem está um pouco mais distante.



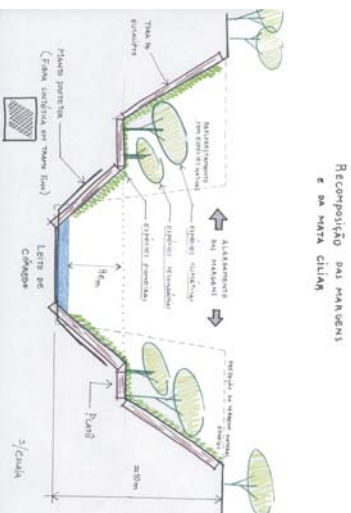
Condição da área em relação aos ventos dominantes.



## Recuperação das margens do córrego.

Para o trabalho de recuperação das margens do córrego existe como premissa básica a recomposição da mata ciliar com a função de proteção contra o processo erosivo. Para que o solo esteja estabilizado é necessário que seja utilizado algum tipo de elemento que venha a exercer uma força de coesão no solo do talude formado. Em muitos casos conhecidos na literatura especializada e por conhecimento de caso real, esta função é feita por concretagem das margens e do fundo do curso d'água. Entretanto, essa técnica tem alguns agravantes no que diz respeito à resistência do concreto à força erosiva da água.

Outro problema é a impermeabilização do fundo do córrego e das margens, fato que impede que haja absorção da água da chuva para o subsolo e, também, a possibilidade de formação de mata ciliar. A inexistência desta faz com que toda a força do volume hídrico seja suportado pelos elementos de concreto da canalização, e muitas vezes estes entram em colapso após alguns anos de utilização e necessitam de reparações com custos altos para os cofres públicos.



Recuperação de margem com a Técnica de Engenharia Natural. (foto: José Matos Silva)

Uma técnica\* que pode ser utilizada para este caso e que pode ter resultados mais adequados faz uso de elementos de madeiras em substituição aos de concreto. Eles são colocados sobre o talude na margem do córrego distanciando um do outro.

Nesse entretanto das toras o solo fica exposto e a vegetação se desenvolve até que a presença das raízes no solo estaria suficientemente fortalecida para a sua sustentação. Uma vez estabilizado o talude, os elementos de madeira não são mais necessários e com o tempo são degradados por agentes biológicos e climáticos.

\* SILVA, J. Matos - *Técnicas de Engenharia Natural na Recuperação de Margens em Meio Mediterrâneo. Aplicação à Ribeira de Algibre*. II Jornada La Biogeniería en la Restauración Fluvial del Paisaje Mediterráneo. Espanha, 2008.








## Programa de necessidades.

A relação que se segue indica os espaços do projeto do parque esportivo:

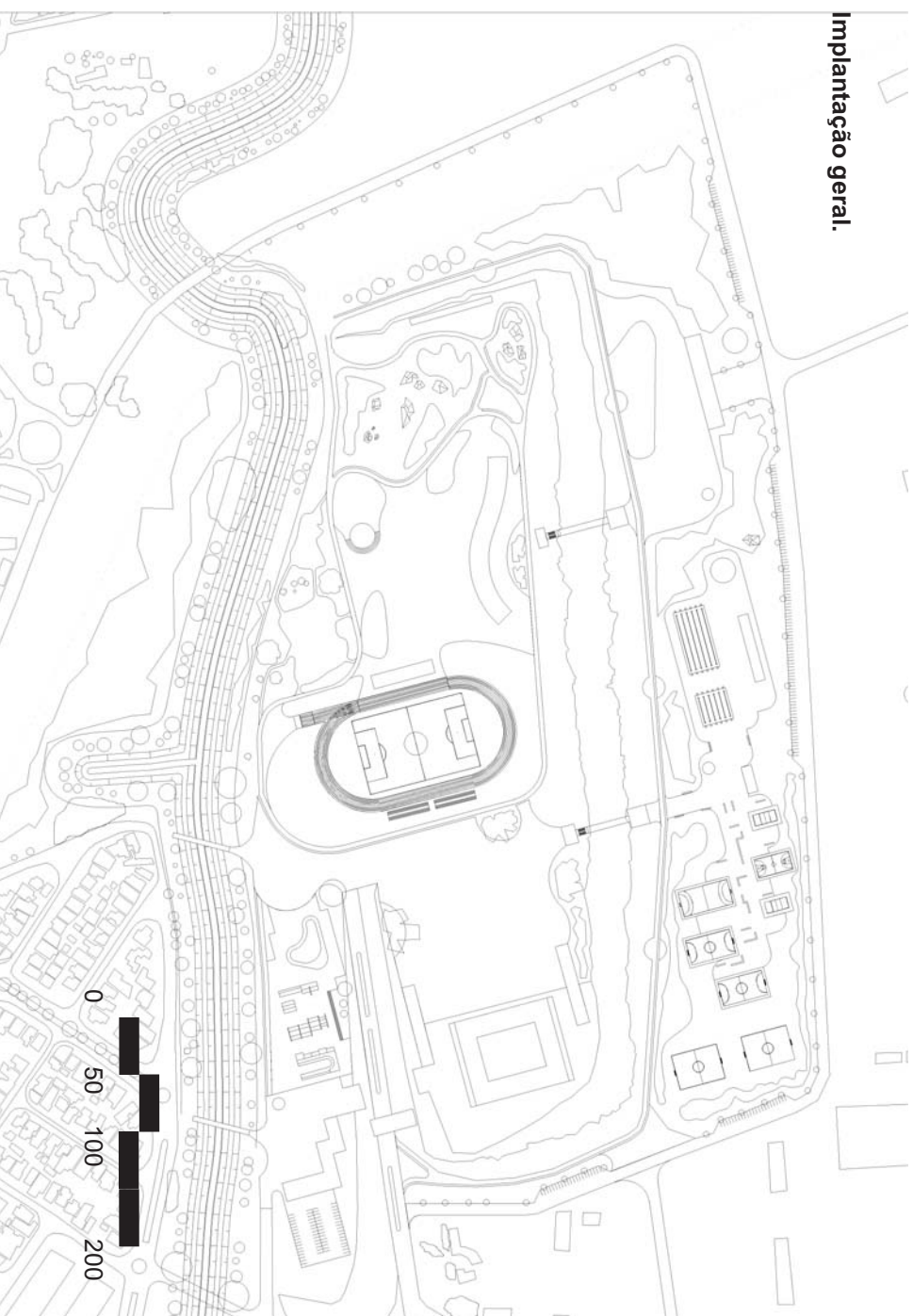
- Administração e Central de atendimento;
- Pista de Skate;
- Ginásio poliesportivo com 500 lugares;
- Praça de eventos;
- Pista de atletismo;
- Jardim de pedras;
- Piscinas (olímpica, recreação e infantil) e solário;
- Quadras esportivas descobertas.



A área de projeto subdividida em espaços de uso.

	Área de Preservação Ambiental.		Pista de atletismo
	Recuperação de córrego.		Jardim de pedras
	Administração		Piscinas
	Pista de skate		Quadras esportivas ao ar livre
	Ginásio poliesportivo		Córrego aterrado

## Implantação geral.



0 50 100 200

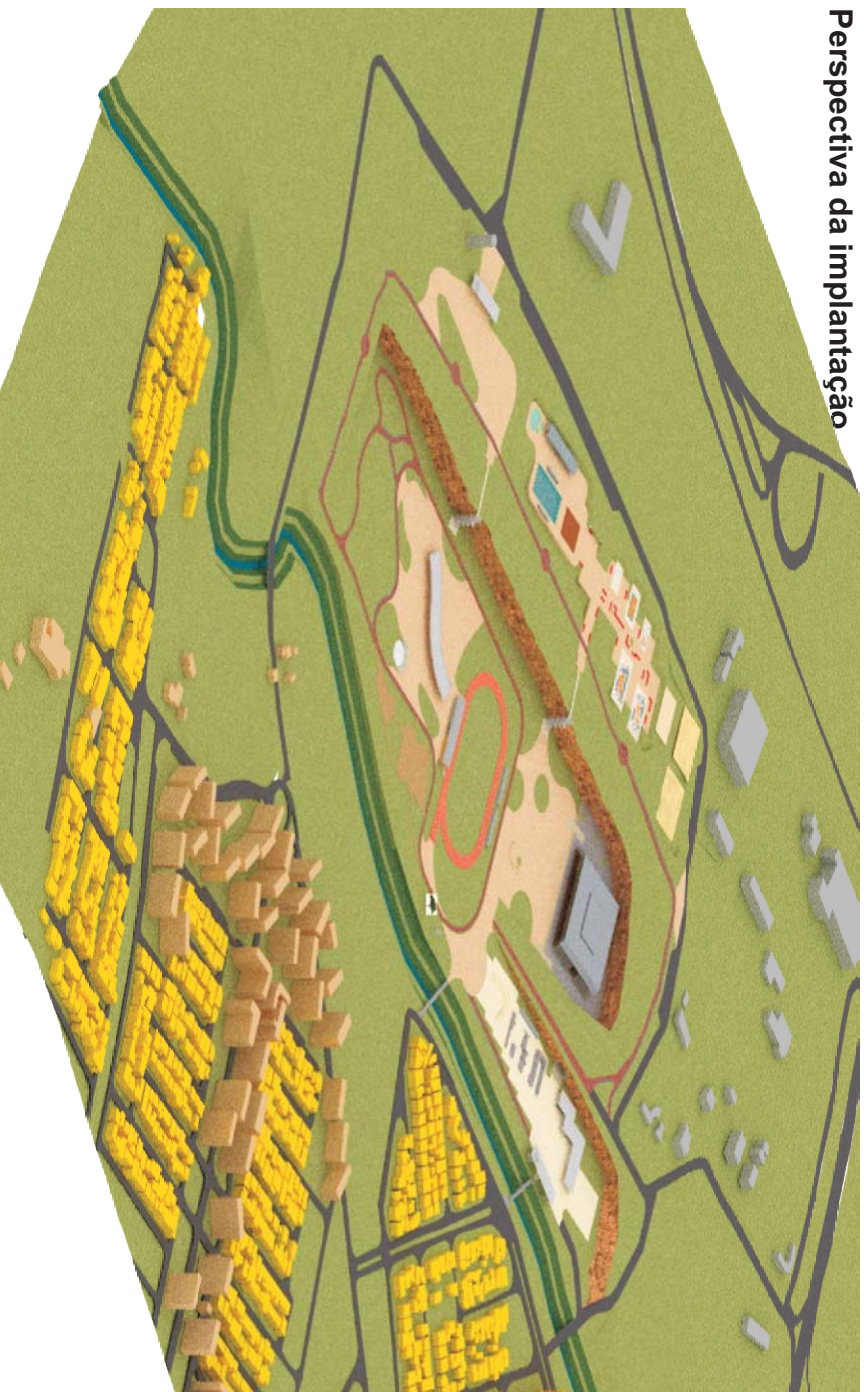


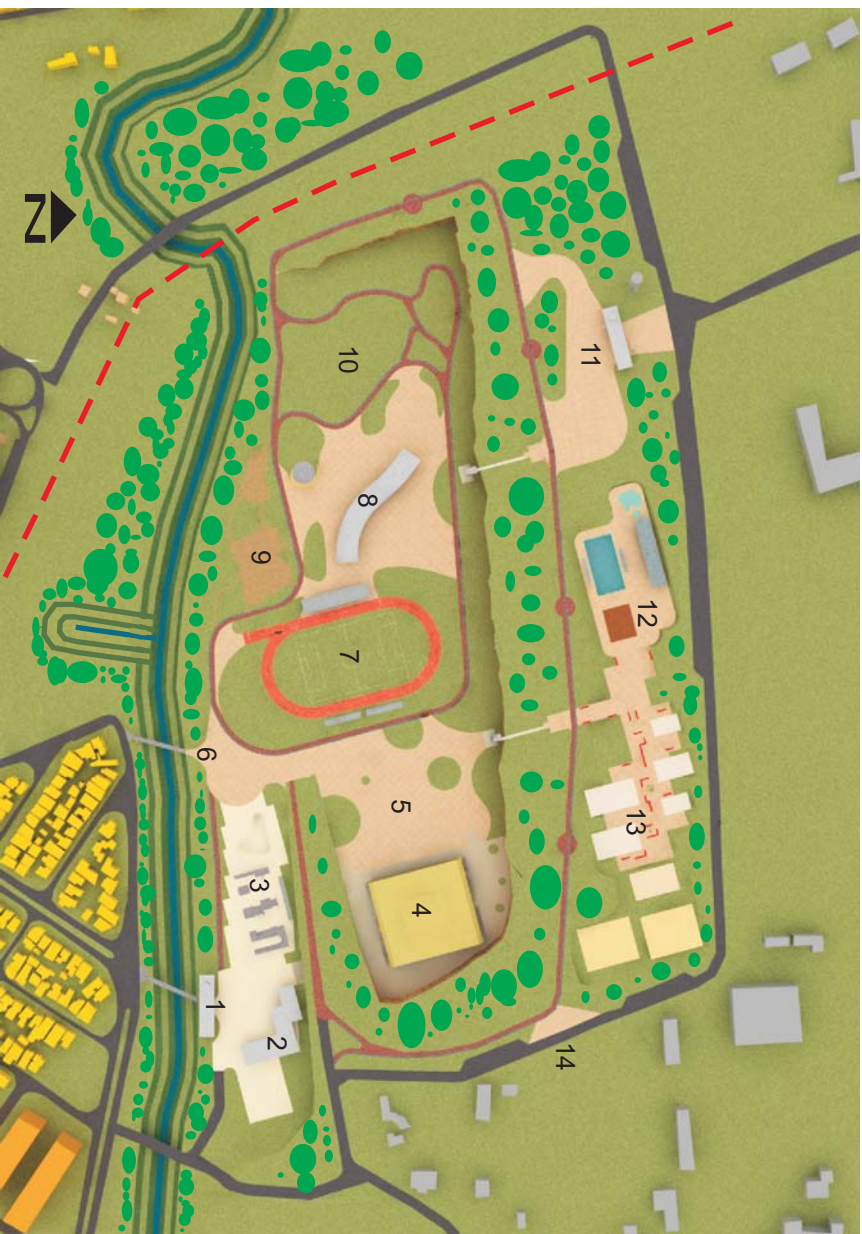


Imagens do projeto



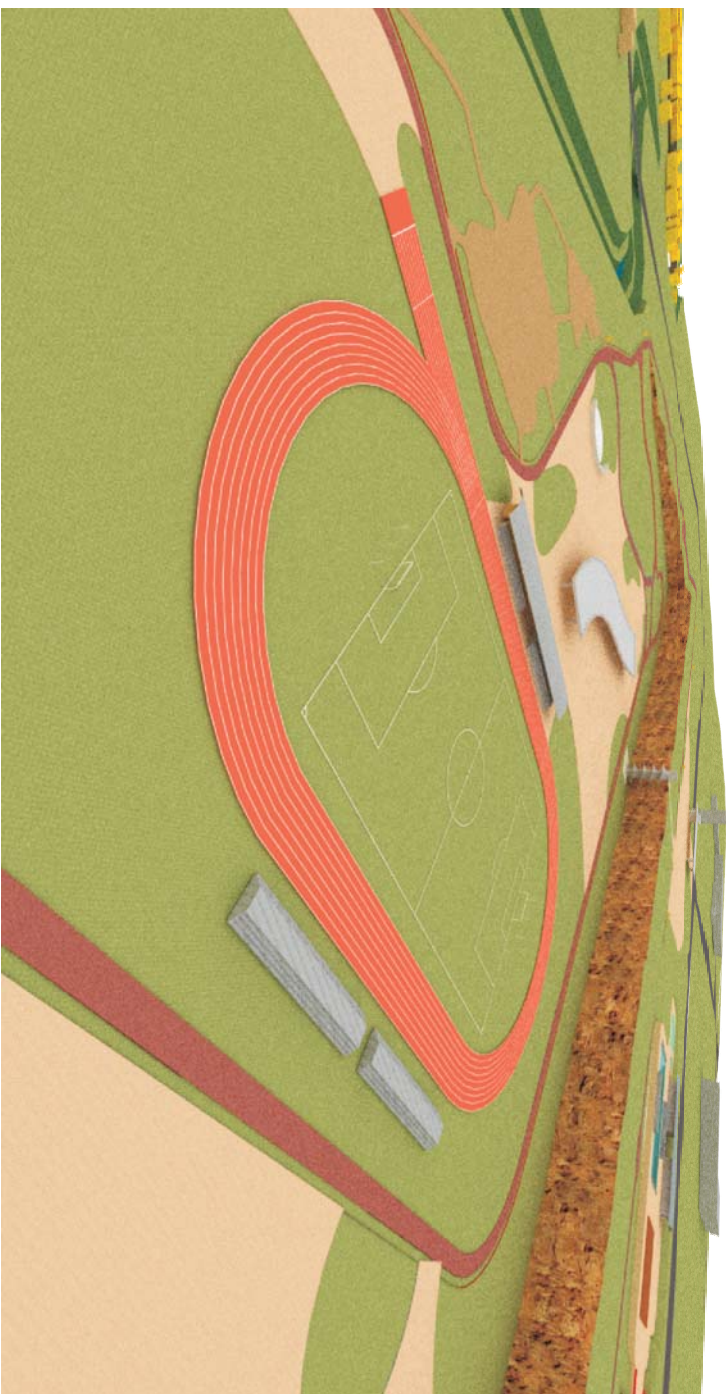
## Perspectiva da implantação





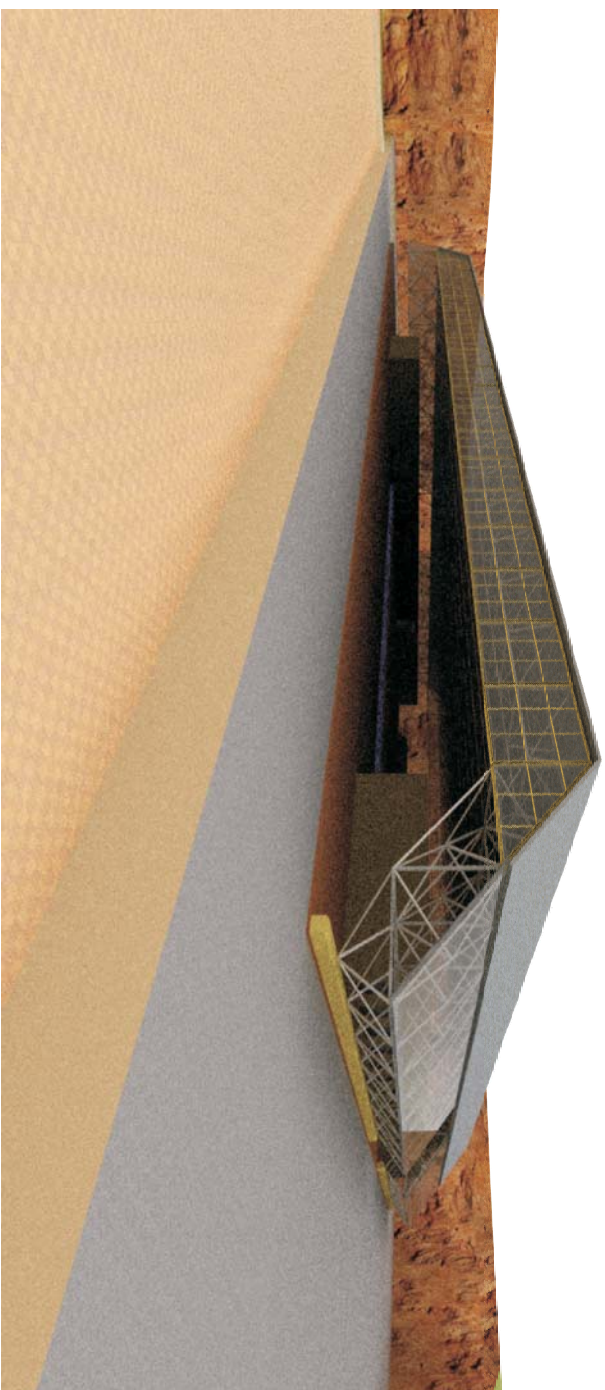
- 1-Acesso principal
- 2-Administração
- 3-Pista de Skate
- 4-Ginásio
- 5-Praça do ginásio
- 6-Acesso passarela
- 7-Pista de atletismo
- 8-Praça de atividades
- 9-Parque infantil
- 10-Bosque de pedras
- 11-Acesso alto
- 12-Piscinas
- 13-Quadras esportivas
- 14-Acesso leste

## Pista de atletismo.





## Ginásio poliesportivo.



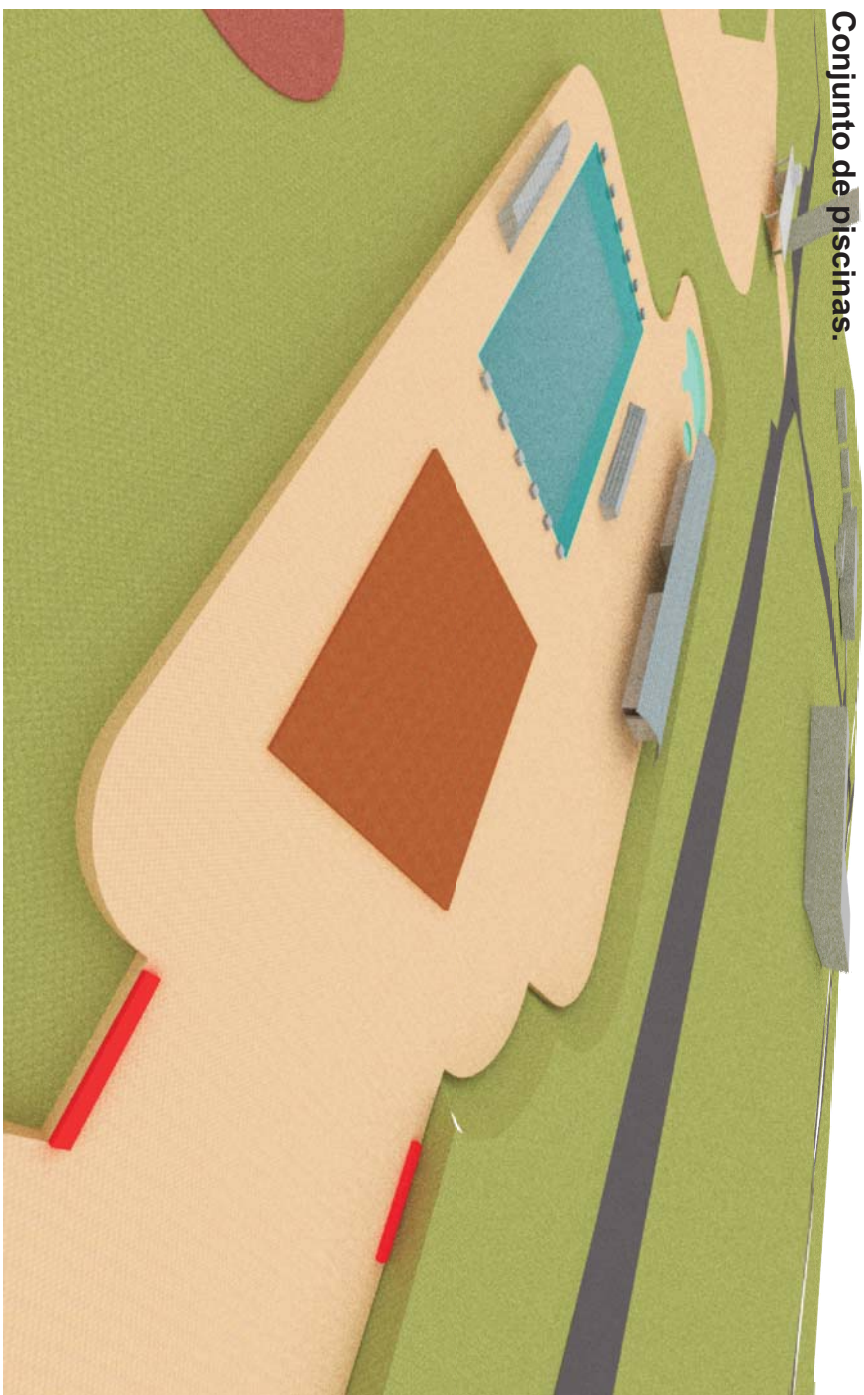
**Praça com marquise.**







## Conjunto de piscinas.



Pista de skate.



Fontes de pesquisa



## Bibliografia pesquisada.

- AB'SABER, Aziz. *Implantação de Minivilas Olímpicas em Bairros da Periferia*. Revista São Paulo em Perspectiva. São Paulo, 2001.
- CAMPANINI, R. *Arquitetura e técnica degli Impianti Sportivi*. Milão: Editora Antonio Vallardi, 1950. 211p.
- CERETO, M. Paulo. *Estádios Brasileiros de Futebol, uma Reflexão Modernista?* Revista Do.Co.Mo.Mo. n.5. .
- FONSECA, Rinaldo Barcia; DAVANZO, Aurea M.O.; NEGREIROS, Rovena M.C.[org.] *Livro Verde: desafios para a gestão da Região Metropolitana de Campinas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp. IE, 2002.
- LINDENBERG, Nestor. *Os esportes – traçado e técnica construtiva nos campos esportivos*. São Paulo: Editora Cultrix, 1977. 223p.
- NEUFERT, Ernest. *Arte de Projetar em Arquitetura*. Editora Gustavo Gilli S.A., 2004.
- POMPOLO, C.Aguiar. *Um percurso pelos SESC'S: uma leitura das transformações tempo-espaciais*. Dissertação de mestrado - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, EESC/USP, 2007
- ROCHA, F. Bianchini. *Mito e religião nos festivais esportivos/regregos do período clássico*. Nearco. Revista Eletrônica de Antiquidade. NEA – Núcleo de Estudos da Antiquidade. [[www.nea.uerf.br](http://www.nea.uerf.br)]
- SANTOS, D.Gomes dos; TOLEDO, F. dos Santos. *Espaços livres em construção*. Rev. SBAU, Piracicaba, v.3, n.1, mar. 2008, p. 73-91.
- SARTI, A. C. *Reflexões conceituais para a delimitação de um Parque Urbano para Rio Claro (SP)*. Revista Holos Environment, v.2 n.1, 2002 - p. 138-155.

## Sítios na internet.

- Castro Mello Arquitetura Esportiva.  
<http://www.castromello.com.br/>
- Centro Esportivo Virtual. (CEV)  
<http://cev.org.br/>
- Instituto virtual do esporte FAPERJ/UFRJ.  
<http://www.ceme.eefd.ufrj.br/live/>
- Ministério dos Esportes.  
<http://portal.esporte.gov.br/>
- Planejamento de Instalações de Educação Física, Esportes e Lazer.  
<http://www.planesporte.com.br/intro.php>
- Secretaria de Esportes e Lazer da Prefeitura Municipal de Campinas.  
<http://www.campinas.sp.gov.br/esporte/>